



Como você pode verificar no mapa do Continente Americano e, sobretudo, a espacialização dessas fronteiras é feita por meio de linhas que definem os territórios dos diversos países existentes na atualidade.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios (fronteiras administrativas, departamentos, províncias e comunas (França), regiões) e que cada país define a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e compreensão do território.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais, como: língua nacional, religião, história, cultura, entre outros. Podemos, no entanto, encontrar em alguns países, sociedades de extensão territorial que ao longo de sua história passaram por processos de outros povos. São as chamadas sociedades "multiculturais", mas que vivem sob a influência de um poder político central.



Filosofia política: da descoberta da cidade à situação atual do homem no mundo

Fascículo 4
Unidade 8



Filosofia política: da descoberta da cidade à situação atual do homem no mundo

Para início de conversa

Nesta unidade, veremos um pouco sobre a relação entre filosofia e política. Essa relação não se apresenta como uma relação meramente de conteúdo, como se a filosofia tivesse um campo específico de reflexão que a aproximaria casualmente da política. Ao contrário, filosofia e política nasceram juntas e foram pensadas também durante muito tempo como irmãs siamesas, como dois aspectos de um mesmo acontecimento. A razão de ser dessa ligação original entre filosofia e política tem seu fundamento, por sua vez, nos primeiros passos do pensamento filosófico na Grécia antiga, mais exatamente no século VIII a. C.

Bem, mas antes de tratarmos diretamente desses primeiros passos, é importante ter em vista algumas coisas. Antes de mais nada, é decisivo, no presente contexto, o significado primordial da palavra “política”. Como muitas palavras centrais em nosso vocabulário de pensamento, a palavra “política” também vem do grego. “Política” vem da palavra grega “*pólis*”, que significa o mesmo que “cidade”. A política nada mais é, a princípio, do que a arte de bem governar a cidade, a “*pólis*”, de propiciar aos cidadãos uma experiência que seja compatível com a sua experiência de vida comum.

O que há de propriamente filosófico nesta relação entre política e cidade é algo que consideraremos agora com atenção durante o espaço da presente lição. Como diriam os gregos antes de começarmos: *eu práttein!* (agi de maneira plena).



Saiba Mais

Os gregos costumavam iniciar suas cartas com esta saudação, *eu práttein*, como uma forma de lembrar os homens da necessidade de agirem sempre de maneira plena e integral.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a proximidade essencial entre filosofia e política desde os primeiros passos do pensamento filosófico.
- Identificar as razões que levaram os gregos a considerar a vida pública na cidade como a forma de vida mais plenamente humana, como o modo de ser mais próprio do homem.
- Identificar elementos estruturais de uma reflexão filosófica no interior de questionamentos relativos à política: argumentação, compromisso com a verdade, retórica, participação, responsabilidade etc.
- Distinguir a relação entre filosofia e política na Antiguidade e na Modernidade: ver a diferença entre cidade e Estado e entender as consequências dessa diferença para a nossa existência atual.
- Reconhecer os impasses do pensamento filosófico e político no mundo contemporâneo a partir da consideração detida do fenômeno do niilismo e do mal radical.
- Reconhecer as possibilidades abertas pelo mundo tecnológico e os impasses éticos que acompanham essas possibilidades.

Seção 1

Filosofia e política: a história de um nascimento conjunto no interior dos portões da cidade antiga!

Há um fato curioso que explica, em certa medida, a importância da política para aquele povo que levou a termo pela primeira vez o que hoje chamamos de filosofia: os gregos. Em todas as casas na Grécia antiga, as portas e janelas abriam para fora! Esta parece ser, inicialmente, uma mera curiosidade, mas fala muito sobre a essência da vida de um cidadão grego.

Enquanto nós vivemos completamente voltados para o interior de nossas casas e vemos a vida pública como um espaço só justificável em função do espaço privado, dos sonhos privados, das realizações particulares, os gregos viviam totalmente orientados para o espaço público e só se consideravam como homens plenos em meio à atividade política. A palavra “idiota”, por exemplo, que tem para nós o significado de estúpido, tolo e imbecil, provém do termo grego “*idiotes*”, que designava pura e simplesmente o privado. Viver de maneira privada, ou seja, viver orientado para a sua casa e para as suas conquistas pessoais era, para os gregos, coisa de idiota. Essa experiência tem uma grande influência sobre o pensamento filosófico em geral.



Figura1: Vista da Acrópole, em Atenas, um sítio arqueológico que concentra boa parte dos prédios administrativos e religiosos da Grécia antiga.

A filosofia, por sua vez, tal como nós a conhecemos hoje, tem uma relação direta com o que procuramos mostrar acima. Em verdade, se perguntarmos sobre o que caracteriza propriamente o exercício filosófico em sua natureza

mais própria, seremos imediatamente levados a falar de algo como o conceito, como a argumentação rigorosa sobre questões relativas à experiência, sobre a essência universal das coisas. A filosofia, diferentemente de outras possibilidades do saber, não trata de posições particulares sobre certos campos de problemas, mas se baseia, antes de tudo, na capacidade humana de se ligar e de perguntar sobre o modo de ser universal, não particular, de todas as coisas. Filosofia, assim, tem sempre algo em comum com a experiência pública dos homens, com a nossa capacidade de nos lançarmos para além dos limites de nossas opiniões pessoais.

Dessa forma, filosofia e política estão ligadas na origem por um campo comum de perspectivas e descobertas.



Leia atentamente o texto e responda às perguntas com base no que nos diz o texto e no que conversamos antes:

*O que implica o sistema da polis é, primeiramente, uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem. Este poder da palavra – de que os gregos farão uma divindade, Peithó, a força de persuasão – lembra a eficácia das palavras e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos ditos do rei (...): entretanto, trata-se na realidade de coisa bem diferente. A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre os dois partidos que lhe são apresentados; é essa escolha puramente humana que mede a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre o seu adversário.” (Trecho do livro *As origens do pensamento grego*, do filósofo francês Jean Pierre Vernant.)*

- a. O que acontece quando se dá a mudança da palavra impositiva do rei, à qual temos de obedecer cegamente, para a realidade dialógica da praça pública, na qual cada um, para se impor, precisa defender argumentativamente suas posições?
- b. Em que medida a mudança acima descrita evidencia uma proximidade inicial entre filosofia e política? Que proximidade é essa?
- c. O que Vernant procura acentuar ao afirmar que a palavra agora é a única fonte real de poder?

- d. Explique com as suas palavras o que Vernant tem em mente na seguinte passagem: “A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas”!



Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 2

A experiência política dos homens e a escuta ao outro: o caráter dialógico do pensamento filosófico

Acabamos de ver como a vida dos gregos estava, a princípio, completamente voltada para o espaço público. O que precisamos perguntar agora é em que medida exatamente esta característica do mundo grego nos revela o caráter propriamente dito do pensamento filosófico e até que ponto a filosofia se mostra realmente em uma proximidade direta com a política? Para respondermos a essas perguntas, é absolutamente decisivo retomar algo que dissemos na seção 1: o espaço público como um espaço de justificação e reconhecimento do outro.

Se considerarmos o que acontece hoje muitas vezes no campo da política, pode ser que tenhamos dificuldade de entender a relação entre filosofia e política. Campanhas políticas são marcadas atualmente pelo uso de propaganda maciça, pela produção de uma imagem que muitas vezes não possui muito em comum com a história e com o caminho trilhado pelo candidato. Um político pode passar uma imagem de honestidade, mesmo que esteja envolvido em esquemas de corrupção. Mesmo neste caso, porém, o que está em jogo é persuadir os eleitores. Assim, mesmo em nosso caso, o fenômeno inicial reconhecido pelos gregos vem à tona de maneira clara. A vida pública envolve necessariamente argumentação, convencimento, defesa de posições. Mais do que isso: no espaço público, não podemos defender nossas posições de maneira arbitrária. O “eu acho” e o “é assim e pronto” não têm lugar aqui. No espaço público, todos têm de tentar convencer os outros com argumentos que se mostrem como válidos para todos, como universais. Tudo isso coloca a experiência política originária em uma relação com a filosofia.

Filosofia possui desde o princípio algo em comum com a defesa rigorosa de posições por meio de argumentação. Este é o sentido da postura fundamental de Sócrates, por exemplo, em todos os diálogos platônicos. Sócrates não é alguém que não sabe nada, tal como comumente se compreende a partir de uma versão um pouco alterada da sabedoria socrática. Sócrates é alguém que, quando sabe, sabe que sabe e quando não sabe, sabe que não sabe. Este, por sua vez, é o ideal de todo pensamento filosófico: escapar de todo e qualquer falso conhecimento, de toda e qualquer falsa pretensão de saber. Exatamente por isso, a filosofia nasceu em uma proximidade essencial com a política e em uma confrontação imediata com a retórica e com a oratória, ou seja, com a arte do convencimento sem um compromisso direto com aquilo mesmo que está em questão.

Tudo isso leva a filosofia a buscar, de início, alguns elementos:

Investigação primária do tema em questão.

Apresentação rigorosa (lógica, coerente, consistente) das posições defendidas (filosofia nunca pode se basear na defesa arbitrária e não argumentativa de opiniões em geral).

Consideração dos contra-argumentos e das possíveis críticas às posições assumidas.

Elogio do diálogo e acento na comunicação livre e não impositiva.

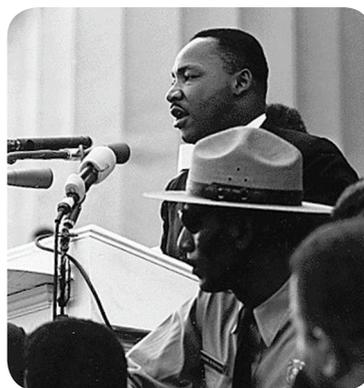
Condução cuidadosa da argumentação em direção a conclusões que podem ser compreendidas em sua necessidade por qualquer pessoa que acompanhe a argumentação.

Abertura constante para a escuta de novos argumentos e de novas críticas, ou seja, uma disposição incessante para o estabelecimento de revisões.



Multimídia

Não deixe de ver o brilhante discurso de Martin Luther King sobre a possibilidade de superação do racismo na América no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=yCLCyvF9p7g>



Vejamos uma passagem de uma defesa filosófica de uma posição. A passagem aponta para um ensaio chamado *Ética a Nicômaco*, um livro escrito por Aristóteles para a educação de seu filho:

“(...) as ações são chamadas justas e temperantes quando são tais como as que praticaria o homem justo ou temperante; mas não é temperante o homem que as pratica, e sim o que as pratica *tal como* o fazem os justos e temperantes. É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o

homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem. Assim como a saúde destes últimos não pode restabelecer-se com tal tratamento, a alma dos segundos não se tornará melhor com semelhante curso de filosofia”.

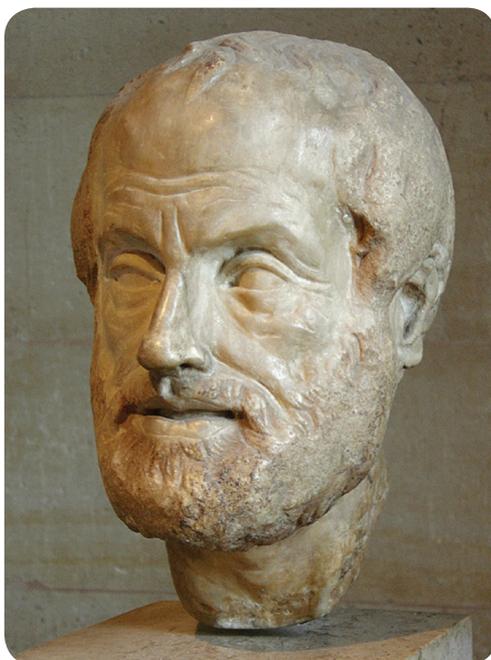


Figura 2: Busto de Aristóteles – 384 a. C. a 322 a. C.

O que Aristóteles nos diz na passagem citada é algo que nos faz pensar até hoje exatamente pela clareza e logicidade do que ele nos diz. Na verdade, ninguém é de início dotado de qualidades morais. Ninguém é virtuoso, honesto, altruísta ou empreendedor dormindo. É apenas por meio das ações que nos tornamos moralmente quem somos, e é o fato de agirmos de maneira moral, ou seja, virtuosa, altruísta, empreendedora e honesta que nos torna mais propensos a agir de tal maneira no futuro. Trata-se de um círculo virtuoso que todo homem deveria por meio da educação alcançar.

Altruísta

É um termo para designar uma pessoa não egoísta, que está sempre voltada para o outro e que é capaz de se sacrificar pelo outro.



Assinale com um "C" as argumentações abaixo que lhe parecerem corretas e com um "F" as que você considerar falsas. Oriente-se pela presença de saltos na argumentação e de conclusões infundadas:

- a. Se os doentes em estado terminal puderem usar heroína, todos têm de poder usá-la. Porque não se pode criar um privilégio no interior de uma sociedade democrática. ()
- b. Tudo o que possui o seu movimento a partir de um outro experimenta em algum momento a interrupção do movimento. Assim, quando movimentamos uma pedra, jogando-a para o alto, em algum momento ela tende a retornar ao estado de repouso. Por outro lado, aquilo que tem em si mesmo o princípio de seu movimento não pode deixar jamais de se encontrar em movimento. A alma, por outro lado, diferentemente de todos os corpos, possui em si mesmo o movimento. Portanto, a alma não pode cessar de se mover e é, neste sentido, imortal. ()
- c. Um amigo me traiu. Logo, não se pode confiar nos amigos como um todo. Todos eles acabam algum dia nos traindo. ()
- d. "Temos de colocar no lugar do amor de deus o amor dos homens, como uma única verdadeira religião, no lugar da fé em um deus, a fé no homem em si, em sua força, a fé em que o destino da humanidade não depende de um ser fora ou acima dela, mas dela própria, que o único diabo do homem é o próprio homem." (L. Feuerbach) ()

- e. Há muitas provas da existência de Deus. Mês passado escutei a história de uma moça com câncer. Sua família rezou por uma semana inteira e, depois de uma operação, ela se curou. Ao mesmo tempo, um amigo estava desempregado há algum tempo. Depois de entrar para a igreja, contudo, sua vida mudou e ele arranhou um emprego. Deus é muito bom. ()



Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

O mundo moderno e a perda da relação direta com o lugar de origem

“Ainda em algumas partes há povos e rebanhos; mas entre nós, irmãos, entre nós só há Estados. Estados? Que é isso? Vamos! Abri os ouvidos, porque vos vou falar da morte dos povos. Estado chama-se o mais frio dos monstros. Mente também friamente, e eis que mentira rasteira sai da sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o Povo’. É uma mentira!” (F. Nietzsche, Assim falou Zarathustra, “Do novo ídolo”).

Esta pequena passagem de um dos pensadores mais importantes para a filosofia e mesmo para o mundo contemporâneo, Friedrich Nietzsche, traz consigo uma reflexão sobre a origem do mundo moderno, sobre o surgimento do Estado moderno, sobre a tensão entre o Estado e o povo. O que Nietzsche nos diz basicamente na passagem? Bem, ele não nos diz outra coisa senão que o Estado é uma estrutura formal, sem uma relação direta com aquilo mesmo que constitui propriamente um povo.

Outrora, antes de nosso tempo, havia povos, porque havia uma participação direta dos homens na vida da cidade. Em um burgo medieval, por um lado, por maior que fosse a distância entre o que o senhor feudal tinha o direito de fazer e o que um cidadão comum podia realizar, havia uma identificação imediata do homem com a sua terra, com o seu brasão, com o seu burgo, com as pessoas humildes que dividiam com ele as agruras e os desalentos de uma existência dura e seca. No mundo moderno, por outro lado, o homem perde essa relação imediata com o seu

solo, com a sua terra, com a sua gente, de tal modo que a vida social passa a ser regida por elementos algo abstratos, sempre carentes de conquista e determinação. Vejamos mais atentamente.

É comum para nós reclamarmos do Estado, dos serviços públicos, das decisões políticas, da corrupção etc. Quando fazemos isso, contudo, normalmente nos sentimos algo desamparados. Por quê? Porque as vias que temos para protestar e reclamar são todas elas formais. Nós nunca temos como chegar diretamente às pessoas que poderiam ou deveriam resolver problemas pontuais, mas dependemos de ouvidorias ou de agências de controle de prestadoras de serviço. Herbert Viana deixou clara essa situação certa vez em uma música intitulada “Luís Inácio e os 300 Picaretas”:

“Eles ficaram ofendidos com a afirmação

Que reflete na verdade o sentimento da nação

É lobby, é conchavo, é propina e jeton

Variações do mesmo tema sem sair do tom

Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei

Uma cidade que fabrica sua própria lei

Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia

Se essa palhaçada fosse na Cinelândia

la juntar muita gente para pegar na saída.”

Ao acentuar a distância de Brasília em relação ao povo, ao mencionar a diferença que existiria se a política tivesse seus escândalos revelados em um lugar próximo do povo, como a Cinelândia, Herbert acaba destacando o problema de todos os Estados modernos: a sua distância, a sua falta de concretude, o seu caráter abstrato, em suma, o fato de o Estado ser uma construção ideal, sem uma relação direta com as pessoas. Tudo isso tem consequências para a vida de todos nós.

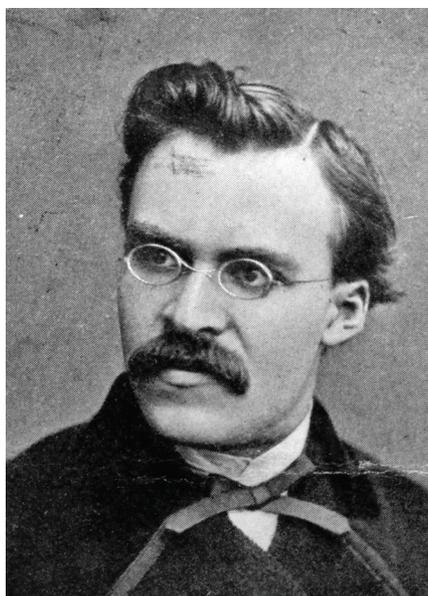


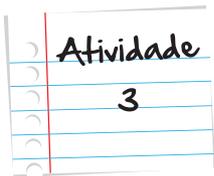
Figura 3: Foto de Nietzsche em 1869, com vinte e cinco anos. Não há como deixar de notar a força de seu olhar e o aspecto algo sonhador de sua figura.

Nietzsche é um dos pensadores mais geniais e ao mesmo tempo mais polêmicos de toda a história da filosofia ocidental. Ele desperta tanto a fúria de alguns por sua ironia, por seu modo ensaístico de escrever, por sua crítica feroz à moral e à religião, como encontra em outros uma relação de quase veneração. De qualquer modo, porém, o importante é que não podemos pensar o século XX sem os desdobramentos do pensamento nietzschiano, sem a sua avaliação do fenômeno do niilismo, ou seja, da sensação repentina de vivermos em um mundo desprovido radicalmente de sentidos, assim como sem a liberdade a que Nietzsche nos incita. Tudo isso faz de Nietzsche até hoje um dos ícones de nosso tempo.



- a. Procure exemplos em sua própria vida de como o Estado possui hoje, para nós, um caráter abstrato e frio.
- b. b) Partindo desse caráter abstrato e frio do Estado, em que medida esse caráter contribui para o fim da experiência comunitária e para o surgimento do social, ou seja, para a contraposição entre comunidade e sociedade. Pense no exemplo excelente das favelas e de suas leis comunitárias em contraposição ao formalismo do asfalto.





- c. O que é possível fazer em sua opinião para atenuar o caráter abstrato do Estado, aproximando o Estado da vida concreta de seus cidadãos?
- d. Para você, o fato de o Estado possuir uma distância em relação aos cidadãos comuns é um fator de intensificação das tendências de corrupção e da dificuldade de cobrança? Por quê?

Anote suas respostas em seu caderno



Leia o texto e comente as palavras de Zygmunt Bauman sobre a noção de comunidade:

"(...) numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos. E assim é fácil ver por que a palavra 'comunidade' sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? Para nós em particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos,

quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer 'sim', e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios — a palavra 'comunidade' soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes" (BAUMAN, 2009, p. 9).



Anote suas respostas em seu caderno

Seção 4

O niilismo contemporâneo e os dilemas do pensamento político atual

O mundo contemporâneo é marcado por uma série de transformações radicais: o crescimento descomunal das grandes cidades, o desenvolvimento vertiginoso de novas tecnologias, a experiência de duas guerras mundiais com o emprego de tecnologias que ampliaram consideravelmente o poder de destruição das armas utilizadas, entre muitas outras. Essas transformações, por sua vez, trouxeram consigo consequências decisivas para o homem e para a existência humana em geral. Tratar dessas consequências no âmbito da filosofia política é justamente a tarefa dessa seção.

"O suicídio é a única questão realmente filosófica. Saber se a vida vale ou não a pena ser vivida." Essas são as palavras que abrem o livro *O mito de Sísifo*, do filósofo francês Albert Camus. Com certeza, alguém pode achar a afirmação do suicídio como a única questão filosófica um exagero de Camus, e ela certamente o é. De qualquer modo, porém, ela nos diz algo que merece toda a nossa atenção. O que Camus está nos dizendo é que o homem contemporâneo repentinamente acordou em um mundo com um problema fundamental: o problema da justificação da existência, do sentido propriamente dito do existir.

Em verdade, o homem antigo tinha um sentido claramente estipulado para a sua existência. Para ele, viver só tinha sentido a partir da entrega a uma vida heroica e da conquista de um lugar na memória eterna dos homens. O

homem medieval, por sua vez, tinha imediatamente um sentido para a sua existência. Deus fornecia de imediato esse sentido. Viver era se sentir sob o domínio de um poder maior que fornecia desde o princípio as orientações para a existência. O que acontece com o homem contemporâneo é algo marcado por uma perda radical de todo e qualquer sentido. É claro que as pessoas podem continuar se entregando a atividades heroicas. É claro também que elas podem continuar indo a igrejas e vivenciando uma relação de crença com Deus. Tudo isso, contudo, perdeu no mundo contemporâneo a força e a obviedade que possuíam no mundo antigo e medieval. É por isso que vemos hoje algo como a ligação entre religião e comércio ou entre religião e propaganda. Bem, mas o que tudo isso tem em comum com o termo “nihilismo”?

Nihilismo é um termo para designar precisamente a situação de perda radical de sentido no mundo contemporâneo, a repentina sensação de que a existência não possui mais nenhuma justificativa imediata, de que todos nós vivemos em um mundo onde os critérios tradicionais de orientação do homem caíram por terra. Assim, ele funciona como o nosso centro de gravidade, como o ponto em torno do qual giram todas as nossas experiências.



Figura 4: Albert Camus (1913-1960), pensador existencialista francês e prêmio Nobel de literatura com a obra *A peste*, em 1957.

O fenômeno do nihilismo, por outro lado, torna possível considerar uma série de fenômenos políticos contemporâneos. Tanto o comunismo quanto o capitalismo são modos específicos de responder ao problema da falta de sentido: o comunismo por meio da promessa de uma resolução de todas as tensões sociais e pela constituição de um estado de

realização plena dos homens; o capitalismo, pela absorção dos homens em breves sonhos de consumo, aquisição e prazer. Mas como você se coloca em relação a essa situação? Em que medida a questão acerca do sentido atravessa sua existência?

Responda às perguntas a seguir e veja até que ponto a questão acerca do sentido está presente em sua vida!

Questão 1: Você já se perguntou alguma vez sobre o sentido de sua existência como um todo? Não apenas sobre o sentido de uma pequena parte, mas de tudo o que está em jogo na existência?

Questão 2: Na sua opinião, como a política pode auxiliar os homens na sua busca por sentido existencial?

Questão 3: Qual a função do trabalho em sua existência? Ele tem para você um sentido maior do que a remuneração ou ele só tem o sentido de pagar as suas contas?

Questão 4: Para você, os pequenos prazeres da vida são capazes de dar sentido à sua existência? E o que acontece quando os prazeres dão lugar a desprazeres?



Anote suas respostas em seu caderno

A Unidade 2 tratou da relação originária entre filosofia e política. O que tivemos a oportunidade de ver foi em que medida filosofia e política crescem, a princípio, sobre uma base comum e só posteriormente vão se afastando uma da outra.

Resumo...

Veja os tópicos centrais de nosso estudo:

Nós procuramos mostrar, em primeiro lugar, como a filosofia nasce do fato de o homem grego ter se voltado desde o início para a cidade e de ter descoberto na cidade a necessidade da argumentação.

Em segundo lugar, vimos os problemas ligados à argumentação filosófica e à política, os riscos representados pela retórica e pela propaganda.

Em terceiro lugar, analisamos a situação do homem moderno, o desenraizamento e a perda da ligação com a cidade. Assim, pudemos acompanhar a contraposição hoje usual entre comunidade e sociedade.

Por fim, tratamos do conceito de niilismo e de suas implicações sobre a existência do homem contemporâneo.

Veja ainda!

Dicas de leitura e de cinema: há muitas opções para acompanhar a relação entre política e filosofia, uma vez que o cinema e a literatura trataram muitas vezes dos riscos da ideologia e do fanatismo. Nossas dicas vão na direção de filmes e livros que tratam exatamente desse problema!

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- *A onda*. Filme de Dennis Gansel, com Jürgen Vogel e Frederick Lau, 2008.
- *Matrix*. Filme dos irmãos Wachowski, com Keanu Reeves e Laurence Fishburn, 1999.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- VERNANT, Jean Pierre. **A origem do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Akropolis.jpg>



• http://en.wikipedia.org/wiki/File:Martin_Luther_King_-_March_on_Washington.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Aristoteles_Louvre.jpg - Eric Gaba.



• <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Nietzsche187c.jpg>



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Albert_Camus2.jpg?uselang=pt-br - Robert Edwards.

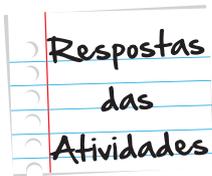


• <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.

Atividade 1

- a. Quando se dá tal mudança, nos vemos imediatamente obrigados a justificar as nossas posições. Não de maneira particular, mas de uma maneira que possa ser seguida por qualquer um. Agora, é preciso, antes de tudo, reconhecer o lugar do outro e entrar na lógica do diálogo, falando e ouvindo as objeções dos outros.
- b. Política e filosofia têm aqui um pouco em comum, uma vez que a vida política exige um discurso voltado sempre para o universal, construído para além dos particularismos e aberto para a demonstração rigorosa de posições.
- c. Vernant está acentuando aí, antes de tudo, o fato de que não há agora mais nenhum poder legítimo por si, mas todos os poderes precisam se justificar aqui por meio da argumentação e da apresentação de razões.
- d. A palavra perdeu agora o seu papel religioso, coberto por uma atmosfera de sacralidade e verdade absoluta, para conquistar um lugar no interior da vida discursiva, do exercício de fala e escuta que constitui a política em seu caráter filosófico.

Respostas
das
Atividades



Atividade 2

- a. Falso, pois não se pode tratar casos diferentes como se fossem iguais. Por mais que a democracia assegure igualdade de direitos, doentes terminais precisam ser considerados em sua especificidade.
- b. Correto. Por mais que se possa questionar o conceito de alma, a argumentação quanto ao movimento é logicamente correta.
- c. Falso, pois o fato de um amigo em particular ter lhe traído não pode ser estendido a todos os amigos.
- d. Correto, pois coerente com a posição de Feuerbach, por mais que possamos discordar de seu ponto de partida.
- e. Falso, pois nenhum desses exemplos prova efetivamente a intervenção de Deus.

Atividade 3

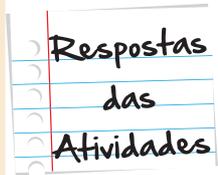
- a. Exemplos da distância entre o Estado e o cidadão são: a dificuldade de falar diretamente com os responsáveis pelos serviços de água, luz, gás etc.; a distância entre o cidadão e os políticos em geral; a diferença entre a máquina que aplica uma multa em um sinal de trânsito e o sujeito de carne e osso que precisa pagá-la.
- b. Viver em sociedade significa, em muito, perder o contato direto com as pessoas e experimentar um conjunto de relações algo abstratas. Para ver isto, basta pensar no contato que normalmente temos com nossos vizinhos, a dificuldade em quebrar a capa de gelo que nos envolve.
- c. É possível pensar em modelos menos abstratos de governo, nos quais a participação popular seja incentivada, modelos como o plebiscito, as organizações não governamentais, a presença dos órgãos públicos nas escolas e a construção de uma vida pública mais aberta.
- d. Sim, pois a distância entre políticos e cidadãos torna mais difícil o acompanhamento das atividades dos parlamentares e, por consequência, uma vigilância mais direta de suas atividades.

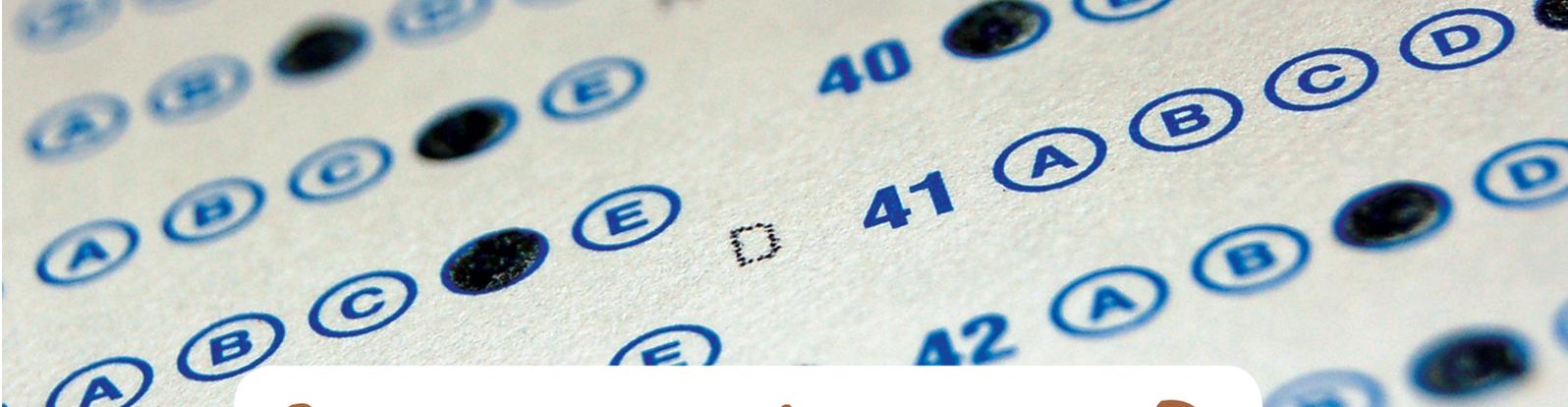
Atividade 4

O texto de Zygmunt Bauman evidencia o caráter positivo que se encontra incessantemente associado à palavra “comunidade”. Diferentemente da sociedade, que evoca em nós um sentimento de frieza e indiferença, a comunidade está sempre associada a algo positivo, à presença calorosa e direta das pessoas que se importam conosco, que sofrem com as nossas dores e se alegram com as nossas alegrias. Exatamente por isso, a comunidade parece um conceito político por excelência, um conceito que deve funcionar para nós como um horizonte e uma direção ideal.

Atividade 5

1. Perguntar sobre o sentido da existência como um todo é uma necessidade para todos nós, algo que nos distingue daqueles que apenas deixam a vida correr sem reflexão.
2. A política pode auxiliar os homens na busca por sentido existencial, na medida em que ela pode propiciar uma relação mais plena com os outros cidadãos e uma aquisição plena de cultura e educação.
3. O sentido do trabalho não pode se reduzir à remuneração. Quando isso acontece, o trabalho vira um mero modo de manutenção do trabalho, uma pedra que rola sem cessar, mas que sempre retorna para o lugar inicial.
4. Pensar o prazer como o único sentido da existência é, cedo ou tarde, se ver obrigado a experimentar o sem sentido da vida, o sem sentido diante dos desprazeres e aflições incontornáveis que chegam com a doença, a velhice, o fracasso etc.





O que perguntam por aí?

ENEM – 2011 – Filosofia:

“Os três tipos de poder representam três diversos tipos de motivações: no poder tradicional, o motivo da obediência é a crença na sacralidade da pessoa do soberano; no poder racional, o motivo da obediência deriva da crença na racionalidade do comportamento conforme a lei; no poder carismático, deriva da crença nos dotes extraordinários do chefe”. (BOBBIO, N. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*. São Paulo: Paz e Terra, 1999 [adaptado].)

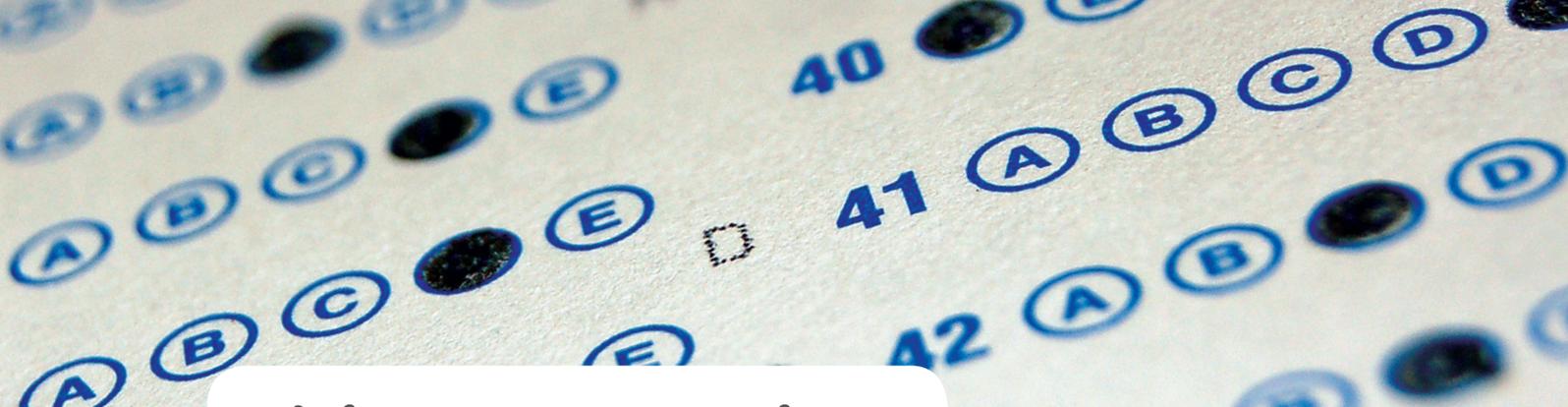
O texto apresenta três tipos de poder que podem ser identificados em momentos históricos distintos. Identifique o período em que a obediência esteve associada predominantemente ao poder carismático:

- A) República Federalista Norte-Americana.
- B) República Fascista Italiana no século XX.
- C) Monarquia Teocrática do Egito Antigo.
- D) Monarquia Absoluta Francesa no século XVII.
- E) Monarquia Constitucional Brasileira no século XIX.

Resolução

A resposta correta é B, pois na República Fascista Italiana no século XX o sistema de governo republicano era completamente fundado no poder carismático do líder popular/populista representado por Benito Mussolini.





Atividade extra

Questão 01

Embora existam diversas teorias acerca do surgimento do Estado, na maioria delas o Estado é uma instituição cuja principal função é a busca pelo bem comum. Leia, no material didático, a letra da música “Luís Inácio e os 300 Picaretas”, reflita e responda: Nosso “Estado” cumpre seu papel de maneira satisfatória? Explique.

Questão 02

Vimos que o surgimento da filosofia e da política acontece “em conjunto” na Grécia Antiga, que é também conhecida como o “berço” da democracia. Releia a seção 1 da unidade oito, pesquise a respeito e explique o que há em comum entre a filosofia e a política.

Questão 03

Leia o conceito de “idiota” apresentado no texto e faça uma comparação com nosso comportamento em relação à atividade política.

Gabarito

Questão 01

Se for levado em consideração a música, é que o Brasil não consegue cumprir o seu papel de promover o bem comum por padecer do problema de todos os Estados modernos: a sua distância, a sua falta de concretude, o seu caráter abstrato, em suma, o fato de o Estado ser uma construção ideal, sem uma relação direta com as pessoas.

Questão 02

A filosofia se volta para fora do particular, buscando o universal de todas as coisas. Assim, tem sempre algo em comum com a experiência pública dos homens, com a nossa capacidade de nos lançarmos para além dos limites de nossas vidas privadas.

Questão 03

Na Grécia antiga as pessoas que se voltavam para suas vidas privadas eram chamadas *idiotes*. O termo não era pejorativo. Apenas designava o que era privado em contraposição com o que era público. Hoje, em nossa sociedade, é comum não nos envolvermos com atividades políticas. Não somos, por assim dizer, educados para isto. Então, segundo o conceito grego, agimos como *idiotes*, pois cuidamos apenas do que é propriamente nosso e perdemos de vista que o público é, também, importante para plena realização de nossa vida privada.